

# Crise deixa hospitais

le

Jornal de Brasília

13 JUL 1986

## do DF <sup>Saúde</sup> em agonia

Maurílio Lemes

Por trás do ambiente refinado pelo brilho do piso e das bonitas mesas de centro com cadeiras e jarros de flores, na parte reservada à administração, o Hospital de Base de Brasília esconde uma realidade nada alentadora. Basta atravessar uma porta de vidro para deparar com um quadro desolador, marcado pela angústia estampada nos rostos dos doentes amontoados nos apertados boxes ou espalhados em macas pelos corredores.

Trata-se do setor de emergência do HBB e a situação não podia ser diferente. Naquela parte, o hospital tem capacidade para 100 leitos, mas são internados mais de 150 pacientes. Em razão disso, muitos doentes chegam e são atendidos ao lado da mesa de recepção mesmo, enquanto outros permanecem em leitos improvisados em macas, como acontecia na tarde de sexta-feira passada.

O corre-corre é intenso. Afinal, o HBB, com um total de 900 leitos, é o maior hospital da rede da Fundação Hospitalar do Distrito Federal. Por isso mesmo e da sua localização, no Plano Piloto, os problemas ali causam maior repercussão. Mas o HBB não sofre sozinho os males das deficiências de funcionamento da rede hospitalar da Fundação.

### Todos doentes

Na verdade, todos os nove hospitais regionais da Fundação Hospitalar, mais os 42 Centros de Saúde e 15 postos rurais, continuam com as mesmas doenças diagnosticadas e postas a nu durante a greve de 30 dias dos 2.500 médicos da Fundação, encerrada há um mês e nove dias.

Os hospitais da rede sofrem de tudo, desde a falta de equipamentos básicos à de médicos e enfermeiras, além de muitas deficiências na estrutura física dos estabelecimentos. Há situações em que dois ou mais doentes são colocados numa mesma maca, porque os aparelhos não são consertados à medida que vão quebrando.

### Haja sangue!

Em alguns casos, a situação até piorou em relação ao quadro mostrado pelos médicos durante a greve. Na Ceilândia, onde há um hospital com 149 leitos, sem nenhum ortopedista e otorrino, para atender uma população de 500 mil habitantes, os doentes estão sendo obrigados a tirar sangue duas vezes no mesmo dia, para completar os exames desse tipo.

## Descrença, insegurança e pânico

"O quadro é de descrença, de insegurança e pânico". Esta frase foi rabiscada num pedaço de papel pelo médico Dênis Marinho da Silva Brandão, enquanto traçava um caótico quadro da situação do Hospital Regional de Ceilândia, do qual era chefe do Serviço de Emergência e se demitiu em solidariedade ao diretor Sílvia Carlos Duarte, afastado do cargo pelo atual secretário de Saúde do DF, Laércio Moreira Valença.

Com efeito, expressões assustadas eram o que não faltava em alguns dos funcionários que transitavam pelos corredores empoeirados pelas obras de reformas (paradas) no setor de emergência. Mesmo mostrando simpatia com o que estava sendo feito, um servidor preferiu ficar longe do pano colocado no lugar do vidro quebrado, numa das portas de entrada do hospital, quando estava sendo fotografada, na tarde de quinta-feira passada.

Antes de se demitir, o médico Dênis Marinho mandou ao secretário de Saúde um relatório informando, entre outras coisas, que a quase totalidade dos funcionários do HRC gosta muito do ex-diretor Sílvia Duarte, tanto que o elegeu para o cargo. Por isso, os servidores não iriam aceitar com bons olhos sua substituição pelo médico Julivar Faguns Ribeiro.

## Em todas as unidades, a carência

Com base em sua certeza de que os problemas enfrentados hoje pelos hospitais da Fundação Hospitalar são mesmo mostrados há mais de um mês em relatório dos médicos, durante a greve, o presidente do Sindicato dos Médicos do DF fez divulgar uma síntese do documento no boletim deste mês, da entidade. No resumo, estão as principais falhas do sistema, desde a falta de recursos humanos à material permanente, além das deficiências na estrutura física dos estabelecimentos.

**Hospital de Base** — Atualmente, atende 750 leitos na internação e 150 na emergência; não tem banheiros e nem bebedouros em número suficiente; faltam equipamentos e os que existem estão desgastados, como no laboratório de patologia clínica; faltam médicos e enfermeiras, o que vem ocasionando filas intermináveis; e superlotação por falta de espaço físico a todos os doentes que chegam.

**Asa Sul** — 300 leitos, oito Centros de Saúde e dois postos rurais, com 1.600 funcionários, sendo 320 médicos; faltam cirurgiões, clínicos e radiologistas, sobretudo pessoal de enfermagem; necessita de reformas no centro cirúrgico, berçário e a reforma da UTI nunca termina.

**Asa Norte** — 100 leitos desativados, inclusive na UTI; faltam aparelhos simples como ostecópios e estetoscópios; falta material para cirurgia geral, otorrino, cirurgia vascular e oftalmologia.

**Ceilândia** — Um hospital de 149 leitos e dez Centros de Saúde para atender uma comunidade de 500 mil pessoas, 600 pacientes por dia só no serviço de emergência; déficit de 25% no quadro de médicos; não há ortopedistas, otorrinos, oftalmologistas, cirurgiões infantis, nefrologistas, hematologistas e en-

Tudo isso porque no Centro de Saúde nº 4 da Ceilândia, por falta de aparelhos, não há mais condições de se fazer exames de hemograma completo e o chamado VDRL. Assim, conta o médico Dênis Marinho da Silva Brandão, lotado ali os pacientes chegam e retiram o sangue para as análises que podem ser feitas naquele Centro de Saúde. Depois correm até Taguatinga e tiram mais sangue para completar os dois exames que faltaram.

### Encaixotados

Ainda no Hospital de Base, o diretor Márcio Horta acha que alguma coisa melhorou em relação ao quadro de um mês atrás. A lavanderia e o centro de esterilização, por exemplo, estavam totalmente parados, mas já foram consertados parcialmente.

Chegaram para o HBB, também, os equipamentos de medicina nuclear, só que continuam encaixotados. Os 493 médicos do hospital aguardam ainda a chegada de material para a unidade de anestesia e de instrumentos cirúrgicos. E a contratação de mais médicos e de auxiliares de enfermagem, bem como a conclusão das intermináveis obras em sua estrutura.

No Hospital Regional do Gama, a enfermagem está em obras há um ano, mas uma funcionária, que não deixou a reportagem entrar porque o diretor não estava, acha que o serviço está sendo concluído, porque passou por lá e sentiu cheiro de tinta.

### O caos

Agora, os médicos da Fundação Hospitalar do Distrito Federal, tendo à frente suas entidades representativas, estão formando uma Comissão Paritária Regional para levantar, discutir e priorizar os problemas de cada um dos nove hospitais regionais da Fundação. De antemão, o presidente do Sindicato dos Médicos, Carlos Saraiva, assegura que, em termos de funcionamento desses estabelecimentos de saúde, o quadro a ser encontrado pela comissão será o mesmo levantado durante a greve:

### O caos completo.

Os nove hospitais regionais da Fundação Hospitalar, diz o presidente do Sindicato dos Médicos, continuam "tão doentes" quanto os pacientes que frequentam o que ainda funcionam dos seus 2.366 leitos. Pouco mais de mil desses leitos estão nos hospitais regionais de Ceilândia, Taguatinga, Gama, Planaltina e Brazlândia, construídos para atender uma população de 1 milhão e 250 mil pessoas, nestas cinco satélites, e os doentes que vêm de outros Estados como Goiás, Minas Gerais e até do Piauí.

"Portanto, os funcionários do HRC estão não só em pânico como também extremamente revoltados com a demissão do diretor e, sobretudo, pelas novas medidas administrativas adotadas pela nova direção", comenta Dênis Marinho, para quem a comunidade de servidores do hospital colocou em prática, para discutir os problemas ali surgidos, "o mais avançado sistema democrático dentre todas as unidades de saúde da Fundação Hospitalar".

### Retrocesso

Democracia, na opinião do presidente do Sindicato dos Médicos, Carlos Saraiva e Saraiva, é exatamente o que está faltando nas atitudes do atual secretário de Saúde, Laércio Valença. A começar da demissão do diretor Sílvia Duarte, do HRC, que, segundo Saraiva, está preocupando todos médicos da Fundação Hospitalar, temendo que isso seja "um perigoso precedente para demissões de novos diretores eleitos pela comunidade de funcionários dos hospitais".

O dirigente sindical revela que o secretário sempre tem falado em reformulações na Fundação Hospitalar, como na volta do médico de família e que vai implantar um curso de médico generalista, em convênio com a UnB, com duração de seis meses.

doctinologistas, entre outros; faltam aparelhos de raios X e de ultra-som.

**Taguatinga** — O Hospital Regional tem 394 leitos; há ainda sete Centros de Saúde, um posto rural e o Hospital de Pronto-Atendimento Psiquiátrico; além da falta de pessoal e material de consumo, o hospital não tem como enfrentar as más condições de higiene, chegando a ser invadido por baratas e ratos.

**Gama** — Um hospital de 470 leitos, seis Centros de Saúde e um posto rural para atender uma população de 400 mil pessoas; os centros cirúrgicos e obstétricos estão em péssimas condições e a enfermagem está em reforma há um ano, porque as obras ficam mais paradas do que em andamento; não há lugar para guardar alimentos.

**Sobradinho** — Precisa de 233 médicos mas só tem 172, para atender os pacientes locais e os que vêm de Goiás, Minas Gerais, Maranhão, Bahia e Piauí; faltam até termômetros, além de tensiômetros e estetoscópios, em todas as áreas de atendimentos.

**Planaltina** — Um hospital com 56 leitos, um Centro de Saúde e um posto rural, para atender uma comunidade de 65 mil pessoas; conta com apenas 95 médicos e 182 paramédicos. Faltam profissionais nas áreas de odontologia, assistência social e no setor administrativo; não permite a privacidade de pacientes e profissionais.

**Brazlândia** — A unidade regional atende uma comunidade de 35 mil pessoas com um hospital de 47 leitos; o centro cirúrgico, a pediatria e o laboratório estão sem equipamentos, e faltam médicos e auxiliares de enfermagem.